3 1761 07047942 3

GOMES LEAL

PATRIA E DEUS
E A MORTE
DO MÁO LADRÃO

PQ
9261
G64
P3
1914

GOMES LEAL

PATRIA E DEUS

E

A Morte do Máo Ladrão

VERSOS

Livraria de João Carneiro & C.ª
— 58, Travessa de S. Domingos, 60 — Lisboa

Patria e Deus e a Morte do Máo Ladrão

EDITOR — João Carneiro

Officinas Graphicas — Rua do Poço dos Negros, 81

GOMES LEAL

PATRIA E DEUS

E

A Morte do Máo Ladrão

3.º milhar

1914
Livraria de João Carneiro & C.ta
T. de S. Domingos, 58
LISBOA

SEP
22
1982

PQ
9261
G64P3
1914

DEDICATORIA

Ex.mo Senhor Antonio Cabral:

Tenho a honra do dedicar a V. Ex.ª esta literaria composição: não só como preito à intelligencia vasta de V. Ex.ª: mas tambem em reconhecimento da sua critica tão favoravel à minha obra literaria: critica publicada na «Voz da Juventude» no seu trigessimo sexto numero.

N'esse periodico, aludindo V. Ex.ª a esta dita obra: entre muitos louvores inefaveis com que me distinguiu, acrescentou V. Ex.ª pouco mais ou menos o seguinte:— que eu me assemelhava a um pintor extranho e original, em cujas rápidas pinceladas de treva e flama apareiam linhas incorretas no desenho atormentado, voltando logo a reaparecer o Estro, a «Fúria», a Originalidade.

A taes verdades poderia eu replicar decerto, como os vetustos Lacios, nossos veneraveis Avós, a respeito da Iliada, na sua celebre e historica frase:— «Quando que dormièbat bonus Homerus». Isto é: que «se o Homero toscanejava ás vezes, eu poderia tambem resonar um pouco!...

Mas esta réplica não seria ainda decerto a mais bem cabida, ó meu muito benévolo e favoravel censor!...

A verdade, «verdadeira», Ex.mo Sr. Antonio Cabral, muito da minha consideração e apreço, é que: se na sua vida atormentada Jesus Cristo foi crucificado na Judéa entre dois malfeitores, eu decerto ainda que muito mal comparado com Jesus, tenho, na minha obra literaria em Portugal, sido sempre «crucificado entre um compositor e um revisor».

Lembra-me, a proposito d'isto, que um certo biógrafo de Bandelaire narrava que este Parnasiano impecavel, receando sempre as atrocidades dos seus compositores, para estar mais ao pé talvez dos seus algozes, e abrandal-os ou frustral-os ia morar sempre para o pé das tipografias: talvez por aquelle atilado espirito de previdencia, que segundo um velho general nosso, assáz excentrico ou cretino, que afirmava que todo «o bom inspector dos fogos, deveria morar ao pé dos fogos».

Isto, porem, parece que nem sempre preserverava o poeta dos seus golpes crueis: pois que bastas vezes Baudelaire, revendo as provas, arrancava apopletico os cabellos, e desentranhava-se contra elles em apóstrofes tão rugidoras como enternecedoras, nomeando-os pelos seus nomes proprios batismaes:

Ai aquelle tigre! ai aquelle maldito riconerente! ai! aquelle chacal! aquelle Barrabás! aquelle Belzebut!...

Baudelaire, nas suas apóstrofes originaes, empregava frequentemente os nomes biblicos dos Anjos Revoltados.

Quanto a mim, na minha qualidade de cristão e de espartano estoico, a este respeito tenho-me sempre concentrado n'um paciente silencio filosofico de vitima resignada às asneiras do próximo: até que hoje chegou a minha vez de lavar de todas estas abominações tipográficas as minhas mãos inocentes: tal como outr'ora na Judéa, n'uma taça aurilavrada, e ante o publico judaico, o Romano Pretor.

De uma das vezes, recorda-me bem que, depois de

eu haver emendado trez vezes, nas provas, um certo alexandrino estropiado pela composição, ao abrir depois o livro já composto e impresso, tive a desagradavel e abominavel surpresa de ver que o dito alexandrino me parecia transfigurado, e mais giganteo do que a altissima pyramide de Rhamsés, ou a Agulha de Cleópatra do Egypto.

Que extraordinario cataclismo produsiria aquelle funestissimo abôrto?...

Nada menos que uma certa palavra assáz comprida do alexandrino antecedente, que, por um movimento qualquer das fôrmas, saíra do seu logar, e viéra traiçoeiramente encaixar-se no meio ou no fim — já me não lembra bem! — do alexandrino subsquente.

A comoção cerebral que senti, não me é possivel narrar.

«Oh! que não sei de nojo como o conte»!... exclamava, e exclamava muito bem nos Lusiadas, o petreficado Adamastor. Assim exclamava eu.

Quanto a esta minha actual composição sarcastica,

ella visa unicamente a dois principaes objectivos absolutos. O primeiro todo Social, Politico, Espiritual. O segundo, todo de Arte, de Critica, de Forma.

No primeiro, pretendi traçar com violentas, humoristicas, ou heroicas pinceladas de treva e fogo — mas de molde a levantar a nossa fibra nacional derrancada — toda esta vil e actual tragi-comedia: toda esta debochada e criminosa decadencia actual: toda esta bambochata ensanguentada, porcalhona, enigmatica, apóz o cinco de Outubro, e até hoje.

Quanto ao meu segundo objectivo: ou á parte artistica, a Forma:—eu pretendi faser vibrar n'elle todas as Cordas Humanas da Lira. Mas tal e qual como a compreendo: rugidora, escarnecedora, sentimental, lacrimosa, heroica, epigramatica, cruel. Isto é ao mesmo tempo,—Leopardi, a «infinita desolação»: Demóstenes, a «patriotica fúria»: Juvenal, a «Justiça umas vezes de azorrague e outras ás gargalhadas». E ao mesmo tempo, tambem, como n'um côro antigo, tragico, uivante, grego: depois da «Lagrima», o «Sorriso», a «Careta»,

e o «Soluço». E sobretudo ai! sobretudo, faser brotar na moderna Poesia Religiosa, uma «Nova Aza de Fogo»: toda cheia de Misticismo, de Originalidade, de espiritual Misterio.

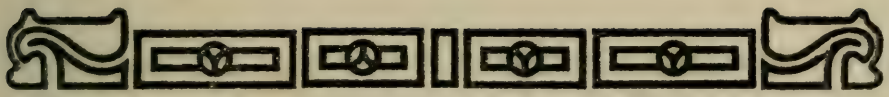
Em quanto ao Epilogo, nenhuma ficção, ou invenção proposital do autor existe ali. — Elle é unicamente o producto de uma sugestão espiritual superior, «vinda do Alem».

De V. Ex.ª, muito gratamente e reverentemente

Gomes Leal

O SEGUNDO AVATAR (*) DO MÁO LADRÃO

(*) *Avatar* é um termo da liturgica-indiana, que significa *Reencarnação*. Segundo esta doutrina, não só reencarnam os espiritos inferiores para se aperfeiçoarem, como os superiores para evangelisarem e doutrinarem. Na India, *Vishnú* encarnou nove vezes, e por isso é chamado o *deus dos nove avatares*. No Cristianismo tambem, segundo os Evangelistas, João Baptista foi um *segundo avatar* do Profeta Elias, e deve reencarnar ainda uma terceira vez, no fim dos tempos humanos. — *G. L.*



I

Cristús! Cristús! Cristús! O' grande Incomprehendido,
o' filho de Adonai! o teu servo Senhor,
em grande turbação, contristado, oprimido,
vè hoje o impio Máo, que os povos ha traido,
os teus servos encher de Opròbio, Luto, Horror!

II

Temos visto, ó Cristús, ao estalar das granadas,
pequeninos morrer sobre os peitos das Mães.
— As Egrejas cristãs por ateus profanadas.
— Os teus Padres, chorando, as barbas arrancadas.
— Fidalgos e plebeus tratados como os cães.

III

E eu que amo a Justiça e as tuas leis contemplo,
de joelhos, prostrado ante o teu lenho, a Cruz...
suplico-te ó Rabí! que para duro exemplo,
o azorrague me dês com que outro'ra no Templo
zurziste os vendilhões — *Tóma-o! disse Cristús.*

IV

.....
.....
.....
.....
.....

V

E um certo homem entrou com passos apressados,
na nossa Capital lavada de agoa e luz...
conquistada ao Alcorão por Lusos e Cruzados,
e em cujos templos de oiro e marmore lavrados,
levantavam-se ainda os braços de Jesús.

VI

Ora, isto sucedeu pelos tempos malditos,
em que a falsa Siencia e da Arte o verniz...
pintadas de carmin e adjetivos bonitos,
tentavam mascarar em farças nossos ritos,
— e a Moral em gentil *cocotte* de Paris.

VII

E este homem entrou tal e qual como a espada
dum féro Huno do Norte ou Barbaro do Sul.
Entrando, ergueu o olhar á abóbada azulada,
e em seguida soltou uma fria risada,
tal como Satanaz quando escalou o Azul.

VIII

Desde então a Cidade ouviu mil heresias
da boca d'este ateu, contra os Céos a ladrar.
—Prégava contra Deus, os Reis, as Teocracias.
—Queria os Paços Reaes tornar estrebarías.
—Em cada Egreja erguer um Circo e um Lupanar

IX

A corbardia vil era um dos seus defeitos,
como em todo o poltrão de figados tigrinos...
A' noite, ia espreitar por de baixo dos leitos,
se estavam lá maráos de bigodes suspeitos,
e em toda a parte via espiões e assassinos.

X

Assim como Alexandre amava os bons autores,
elle tinha o Herculano á sua cabeceira.
—Buscava o aplauso vil dos vis rabiscadores.
—Parodiando Nero, a assar conspiradores,
—Queimaria cristãos na *Praça da Figueira*.

XI

Tinha inveja aos Heróes que causam pasmo e abalo,
mas d'elles somente era a vil paródia e o zero,
—Do Orfeu seria o bobo e do Petrónio um cálo.
—Do Caligula atróz, o consular cavalo.
—O Orangotango azul de Lucio Claudio Nero.

XII

Mas inda que pigmeu e ridiculo como era,
notava-se em seu rosto, um *certo ar sinistro.*
—Mesmo a tentar sorrir, aparecia a féra,
—Era o rei Macbett, mas com bigode e pêra.
—Kain e o Máo Ladrão, com fardas de ministro.

XIII

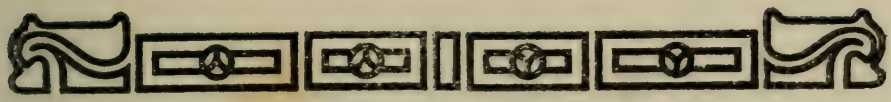
E eis que um certo rapaz, que contemplára aflito
o tragico Jesus no quadro da Paixão...
vendo passar na rua o Ditador Maldito,
clamou com grande voz, soltando agudo grito:
—Olhem quem ali vae!! *O proprio Máo Ladrão!*

XIV

Era elle o pifio Máo!—Resurgira do esquife,
mas voltára outra vez a ser salteador...
Como os ladrões, porem, da loira Radcliffe,
rilhava muita vez o seu caseiro bife.
Tinha bigode e pera—Era ateu e doutor.

UMA PALESTRA COM PORTUGAL

(Sátira heroica)



I

Meu Portugal! eu já cantei plangente
teus rouxinoes na balsa verdejante...
Cumprimentei teu sol, Pachá do Oriente,
reclinado em sofá azul brilhante.
Já te cantei no bosque ao sol poente.
De manhã na trapeira de estudante.
Mas agora, ao luar do teu outono,
só pranteio teu mal, teu abandono!..

II

Eu não chóro a escassez dos aguerridos,
soldados valentões bem artilhados,
pois que ainda não fomos destruidos
pelos heróes da Europa assás gabádos.
O que eu choro e me faz soltar gemidos
é a escassez fatal de *homens honrados*.
E' a ausencia das almas chãs, direitas,
— dum João de Castro e dum Martins de Freitas.

III

Eu chóro a falta, sim, de Egas Moniz,
que havendo prometido aos de Castella
entregar certa praça ao Rei, não quiz,
ou não poude entregar a Cidadela,
mas que recto e leal, curva a cerviz,
corre a entregar-se logo e á parentela,
e de corda ao pescoço, esposa, e filhos,
—próva que a honra é mais que os falsos brilhos!

IV

Chóro a falta do alférs, que em Tóro, honrado,
defendia a bandeira com seu peito,
e que sendo-lhe um braço decepado,
o esquerdo substituiu logo o direito.
E ainda assim, todo em sangue, e mutilado,
fáz recuar um batalhão desfeito,
até que os braços decepados, rentes:
—morre, o *pendão das Quinas*, entre os dentes!

V

Tambem lastímo o heróe recto e bemdito,
que sendo preso da hespanhola grei,
fórçam-no a ir ao castello de granito
do filho, a persuadil-o contra o Rei.
Mas ele recto sempre, sempre invicto,
trespassado de lanças, firme à Lei,
morre, a clamar nas ancias da agonia:
—*Não rendas o Castello de Faria!*

VI

Lastimo Sebastião, heróe em perigos,
Rei audáz, para os tolos sem valor,
ao qual gritando alguem : Os inimigos
já lévam a melhor, *Fuja Senhor!*
não quer nunca deixar os seus amigos,
os Seus Fieis, qual torpe desertor,
e exclama, calmo, heroico, a espada ao ar :
— *Morramos, mas com honra, e devagar!*

VII

Quantos são hoje aquelles que na hora
do Infortunio, do Azar, da Desventura,
préstam socorro ao infeliz que chora,
ficam fieis á Gloria mal segura?
Quantos são os que vão na rua em fóra,
acompanhar o humilde à sepultura?..
Quantos foram Rei Carlos, Rei amádo,
— que na hora do assassinio viste ao lado?..

VIII

Tão generoso até quasi à loucura,
tão pródigo no bem como no gozo,
onde encontraste alem da sepultura
amigo mais fiel do que um Arnoso?..
Quando soou da trágica aventura
o minuto final e angustioso,
aonde encontraste ao pé, Rei infeliz,
—um peito recto e leal de Egas Moníz?..

IX

Com raras excepções sò viste ingratos,
que exploravam tua alma e teu dinheiro,
e entre os Judas, Escribas, os Pilatos,
até um certo vate trapaceiro.
Onde encontraste o Heróe, que dos máos tratos
defende sempre o amigo verdadeiro,
como o Rei cavaleiro e modelar,
—*que os seus defende, até que o vem matar?*

X

Mais feliz foi teu filho D. Manuel,
que encontrou no desterro partidarios,
fieis, não sò na escrita e no papel,
mas nos lances fataes, lances contrarios!
Qual d'elles mais valente ou mais fiel
combateu os mações e carbonarios?..
Qual d'elles mais valente e cavaleiro,
—D. João?... Coutinho?... ou o leal Couceiro?...

XI

E não só tal valor a Fama espanta,
como os lendarios Doze Heroes de França,
mas até uma *alma linda* se alevanta
flor das almas cristãs, D. Constança.
Esta é neta do Gama!—E tanta, tanta,
gloria a Patria quiz dar-lhe, em premio à Esprança,
à Caridade e amor dos infelizes...
—que a entaipou na prisão das meretrizes.

XII

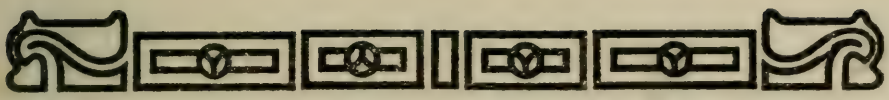
Mas repíto : ao evocar estas memorias
dos saudosos Avós, mais as lembranças
dos seus feitos audazes ou vitorias
ganhas no mundo entre esquadrões de lanças,
eu não choro entre os goivos da Oratória,
e os Ciprestes das Cifras, *as finanças!*
Vou mais alem no abismo das falencias :
— Chóro o déficit atróz das consciencias.

XIII

Meu Portugal! eu já canteí plangente
teus rouxinóes na balsa verdejante...
Cumprimentei teu sol, Pachá do Oriente,
reclinado em sofá azul brilhante.
Já te canteí no bosque ao sol poente.
De manhã na trapeira de estudante.
Mas agora, ao luar do teu outono,
— só pranteio teu mal, teu abandono!..

D. MARIA PIA

(Viagem á roda de um coração)



I

O' piedosa Maria! ó pálida italiana!
estou recordando agora a loira mocidade,
em que minha alma em flor, cheia da febre insana
do Ideal, da Justiça, o Amor, a Liberdade,
pretendia arrazar toda a Malicia Humana.
E tú, Lirio Real, de graça soberana,
— florias, a sorrir, as ruas da Cidade.

II

N'esse tempo feliz tinha o cabelo preto,
que agora me escasseia e está todo a nevar...
meu joven coração só tinha riso e aféto,
e como a desafiar o sol mais as estrelas,
o meu bigode loiro aprumava-se ao ar.
Era feliz então — Mas tu bela entre as belas,
ias, de porta em porta, a sorrir e a chorar!

III

las rindo e chorando, às ocultas do Paço,
a consolar as mães e os tenrinhos infantes.
Umas vezes a rir com elles no regaço,
mas outras a chorar como em horas tocantes,
toda a mulher que chora abraça os pequeninos.
Ai! eram da melhor agoa que o diamantes,
—a agoa sentimental de teus olhos divinos!

IV

Recorda-me tambem que escrevera um planfleto,
que às grades me levou de uma prisão sombria.
Dizem alguns que n'elle eu fiz do branco preto.
Outros que fabricára a flor da Judiaría.
Por um pouco talvez, que me assavam no espeto!...
Mas o que vou jurar, com um praser, secreto,
é que o não lestes tu... ó piedosa Maria!

V

A ignominia porem que me turvou o rosto,
a alma e o coração como uma bofetada,
que nos dão ao voltar uma esquina ao sol posto,
quando começa a treva e começa a facada,
e que a Luxúria sáe ao tombar da noitinha...
foi que eu, como o direi, sem raiva e sem desgosto?
—caluniára em ti a Mulher e a Rainha.

VI

Como escreveria eu uma afronta diréta
contra ti que eu chamava o anjo loiro do Bem,
eu que ousára prégar que não havia um poeta,
que caluniasse nunca uma mulher honesta
fosse ella uma leprosa ou o Lirio de Betlem,
eu que cantára ao sol como um clarim em festa:
—que em ti preferia á Crôa, o diadéma de Mãe?..

VII

Foi então que ao sair do meu carcere um dia,
enchendo a alma de sol e os meus pulmões de ar fresco,
vi-te passar num carro e cheio de alegria
n'um arranco gentil, n'um gesto romanesco,
que se cása tão bem com minha alma leal,
atirei-te uma flor sem temer o grotesco,
—pálida rosa a abrir... ao teu coche real.

VIII

Era candida a flor, era côr da inocencia!...
Mas não tocou no alvo, e rolou pelo chão.
Tu viste o gesto e a flor, e talvez que a eloquencia
que tem tudo que é nobre, ou romanesco, ou santo,
fez que no gesto e a flor descobriste a intenção.
Levemente anuviou o teu olhar um pranto,
—e esse pranto, talvez, verteu-o o coração!...

IX

Tempos correm depois: e eis que em seus armazens
os credores que ao teu pé se mostravam servís,
tornavam-se sultões em vez de João Ninguems,
exigiam milhões por contas de vintens,
e em vez de *bull dogs*, tornavam-se reptís.
— O' Justiça! homens há mais ferozes que os cães!
— O' Treva! há corações, peóres que os teus covís!

X

Cairam sobre ti os rapinantes finos,
que te haviam burlado a seu belo sabor,
e fiseram chinfrins quaes badálos de sinos,
diabos teatraes com seus *tan-tans* mofinos,
e trovões de opereta ou rufos de tambor.
Trez vezes defendi-te em jornaes jacobinos,
— e n'elles chicoteei d'este século o impudor!

XI

Chega a Miseria emfim — Ah! como pungir-te-ia
a nostalgia então do teu paiz natal,
com todo esse explendor e toda essa magia
dos canaes do Veneza ao som das barcarólas
n'um senário de sonho, extranho, original,
ao ritmo das canções, das harpas, das violas,
— e ao longe, mais ao longe, a Roma e o Quirinal!

XII

Como te lembraria essa Italia amorosa,
Mãe da Arte, do Amor, da Musica divina,
d'esa patria ideal que o Virgilio cantou,
em que o Tasso escreveu, padeceu, e amou,
e Rafael morreu beijando a Fornarina?
E ao alto, mais ao alto, essa voz religiosa
— que fez chorar o Azul, o excelso Palestrina!

XIII

Como lembrar-te-ia a vida de familia,
cheia de Côr e Som, sem a indigencia atroz!...
Na patria da Mignon, da Larangeira, a Tilia,
a existencia é suave, e suave a humana voz.
Suspira o rouxinol em luarenta vigilia.
E até alguem ouviu, sob o mar da Sicilia,
— a rabeca gemer do queixoso Berlióz!

XIV

Mas em tal forma estava o teu *Deve e ha de Haver*,
que a falencia chegou, brutal, perseguidora!..
E tu tão piedosa e tão pronta em valer
à creança, ao infeliz, a toda a dôr que implòra,
tinhas processos mil e ameáças da Boa Hora,
por ter dado milhões a quem os queria ter!...
— E ó piedosa Maria, emfim chegou uma hora,
em que tiveste até... de dar a alma e *morrer*!

XV

Ah! quem dirá agora a trágica Odysséa,
da tua alma ao sabôr de tantas decepções,
flutuando entre a tua e a opinião alheia,
entre os paços reaes e o uivar das multidões,
e a ver, como em tal cáos, dirigir teus destinos?...
— A sorte o decidiu. Primeiro os máos ladrões.
— Em seguida os punhaes, e as bombas de assassinos!

XVI

Quem narrará depois a dôr angustiosa
das duas mães chorando os seus dois filhos mortos,
cada uma abraçada á imagem mais preciosa,
uma de olhos no Céo, outra de olhos absortos?..
— Ambas sempre a chorar, com olhos já sem brilhos!
— Ambas torcendo as mãos, sem ouvirem confórtos!
— Ambas bradando aos céos: — *Eis aqui nossos filhos!*

XVII

Quem poderá narrar as peripécias duras
da Revolta a estoirar pelas praças e os cáes,
a confusão no Paço e as dores e amarguras
d'alguns servos fieis, os gestos e as torturas
da mãe beijando o filho, e as filhas mães e pais?...
— Uma ao Cristo a rezar, em todas as posturas.
— Outra, de olhos no chão, dando profundos ais.

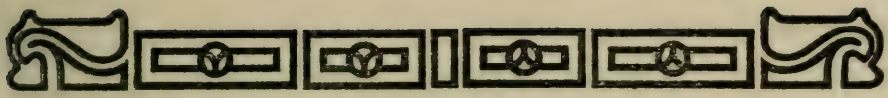
XVIII

Mas tu sósinha a um canto: o olhar fixo e parádo:
fitavas no tapete as rosas de carmin.
Pareciam-te sangue, e o teu cérebro airádo
em tudo via sangue, e o braço de Kain!
— De quem seria um sangue, assim tão encarnado?..
— Tomaste um regador, alagaste o encerado.
— Piedosamente, apóz, rezaste algum latim.

XIX

Dizem que estavas louca e falavas sósinha.
Sim louca de sofrer! sim louca de chorar!...
Ai! antes fosses tu ó misera e mesquinha!
sem esposo, sem filho, e sem patria, sem lar,
em vez de mãe sem filho, e sem crôa rainha,
ai! antes fosses tu — uma chã pastorinha,
mulher de um pescador sobre o Tibre a cantar!...

O TENTADOR
ou Jornalistas fim de seculo



Nas historias de heroes de boa ou má nomeáda
sejam elles Orfeu, Tenorio, Rocambole,
quer pertençam á Historia, á Taberna, á Enxurrada,
em todos se acha a lenda em *fá* ou *si bemól.*
— A lenda narrar vou do Tentador sombrio.
— Chegai-vos ao fogão, se sentires algum frio!...

Sentava-se o Doutor n'uma fôfa poltrona,
lendo um livro francês, mas não sei bem o qual,
em que haviam ladrões, sicarios, belladona,
venenos, mil paixões, tragedias, e punhal,
quando entrou, grave e loiro, um correto creado,
anunciando romantico: — *Está ali o Embuçado!*

Não recebo ninguem *sem dizer o seu* nome!
respondeu o Doutor, com seu modo assaz frio.
Senhor! tornou o servo: Elle diz que *tem fome*
e sêde de Justiça! E diz isto sombrio.
Manda entrar, exclamou o doutor sêcamente.
E rosnou lá comsigo: — *E' um secreto agente!*

E' preciso avisar o leitor que n'esta éra
reinavam o Terror, Mações, ou Carbonarios,
dos que irrompem fataes quando ninguem espera
das ruas, dos portões, dos bahús, dos armarios.
O bom Terrail aqui passára máos bocados.
— Mas faria um romance — *A Era dos Embuçados.*

Passados cinco ou seis minutos, se me lembro
da historia que escutei certa noite á lareira,
em noite de trovões e chuvas de Dezembro,
o dito Embuçado entrou, qual na tóca a toupeira.
— Parecia um salteador das ruas de Paris,
e nem mostrava á lua a ponta do nariz.

Quando no quarto entrou viu-se uma ganforina
preta como um carvão, e uma floresta escura,
dois olhos, dois tições, n'uma face caprina,
e um sorriso infernal de feia catadura.
De modo que o Doutor, tres segundos ao cabo,
disia aos seus botões — E' *tal e qual o Diabo!*

Ergueu-se cortezmente o Doutor da cadeira
e apontando o sofá ao tal desconhecido:
— A que vem, Cavalheiro! a esta casa hospedeira,
pergnntou, dando a mão, com ar grave e polido.
— Com vagar repimpou-se o outro *sans façon*,
e segredou baixinho, a sorrir: — *Sou maçon!*

Eu suspeiteio-o logo! o Doutor diz rilhando
um bom charuto Havano, e dando outro ao Embuçado.
E disendo isto, á cautella, a porta foi cerrando,
não por medo aos ladrões, mas decerto ao creado.
Pois n'este tempo ideal do Progresso, ó leitores,
—creados ha tambem *cidadãos Redatores!*

O seu genio imortal, começou o Embuçado,
derrama tanta luz hoje por toda a Iberia,
que a si venho atraído e como fascinado
qual borboleta á chama e ao Sol toda a Matéria,
Por si faria um crime, um assassinio, um roubo!..
— Por isso aos pés lhe ponho a direcção do Globo.

O Globo, o que é que diz?.. exclama enternecido
e assombrado o Doutor, erguendo-se de pé.
Para me entronisar em logar tão subido
extranho poder é o seu!.. Cavalheiro quem é?
Para o imperio me dar do Globo, a Guerra, a Paz,
decerto é o proprio Deus, ou então... Satanaz!

Satanaz! gargalhou, sublinhando essa frase,
com risadas teatraes, metálicas, sonóras,
o sombrio Embuçado, o qual estava quasi
a tomar proporções de Belzebut, altas horas.
O Globo que eu óferto ao seu genio eminente
—titulo é dum jornal famoso e omnipotente.

Não sou — com mágoa o digo — o *Cavalheiro do Abismo!*
esse heroico galan das Freiras e Rainhas,
que possuia no olhar o extranho magnetismo
de prender ao seu carro as mais lindas carinhas!...
Cantava elle solaos ás donzellas e ás luas.
Eu mais prosaico sou: —*Como, á noite, ostras cruas.*

Não sou tambem, como Elle, o ambicioso romanesco,
àvido só da Gloria, assim como tu és,
que propôz a Jesus, com certo ar quixotesco:
—Dar-te-ei o meu poder, se me caires aos pés.
Eu mais pràtico sou: —*Quero Oiro, o rico bago!*
—Como outrora em Veneza aconselhava o Yágo.

Tambem não sou, como elle, o frascário galante
que disem perdeu Eva, a nossa loira Mãe,
e por isso, não só manchou esse brilhante,
mas a Terra estragou, *que já não val vintem!..*
Eu mais prático sou: Amo a rica e a mundana,
—mais que à Patti, cantando o *Amor e uma Cabana!*

Tambem não fui, como elle, esse bohemio franco,
que com Fausto, *o alemão*, nas tabernas ceava,
e presente lhe fez do imortal corpo branco
da loira rapariga, a que elle a áza arrastava.
Tenho outra orientação: — *Nunca empresto dinheiro!*
E sáio logo que entra em scena o alcoviteiro.

Tambem nunca vadiei como elle no Brabante,
nem rosas desenhei como elle n'uma lágea,
namorando a Rainha, e ofertando galante
dois cravos virginaes à loira Santa Pelágia.
Joias, Rosas, Canções, são rêdes para amores!...
Eu mais prático sou: — *Não perco dinheiro em flores.*

O Doutor que tambem não odiava o Algarismo,
o Embuçado aplaudiu, com certo *ar de bom tom.*
Espantava-o, porem, esse glacial cinismo,
que ás vezes leva à Forca e outras ao Panteon.
E rosnava aos botões: — Quem será este Hindú,
— côr dos carvões do Inferno e peór que o Belzebú?

Ergueu então a voz e disse jovialmente:
Já sei de que se trata e a sua oferta aceito.
Não preciso assinar portanto certamente
um pacto *infernal*, como o Fausto. Está direito!
Mas se é urgente o pacto, eu sáco da lanceta,
— abro a veia, sáe sangue, e assino a papeleta!..

Urge porem dizer o seu nome, ó Cavalheiro!
Pois o que sei somente é que é o Rebuçado.
E sorriu-se o doutor, com ar tão chocarreiro,
Que o outro cuidou vêr um epigrama aládo.
— Nasci disse elle, então, pelos annos da Outorga.
— Meu apelido é Bórgia. Outros chamam-me o Bórga!

Andei na bórga é certo : — elle continuou modesto, —
Na esturdia patusquei! Mas não de gôrra e capa!
E onde me vê aqui, com este olhar funesto,
e diabólico: Eu sou o bisneto d'um Papa.
Bórgia foi meu avô, Papa e Envenenador.
— Mas eu sou o Bórgia só, do Globo Redator

Envenéno tambem — disse traçando a perna,
com ar de *bon vivant,* um ar de bom rapaz —
Não com Agua Tofana ou outra dròga interna,
A Belladona, o Opio, o Laudano, a Agoarraz.
Mas de fórma corréta e até muita amêna.
— *Com o Código ao pé, e na mão uma pena!*

Extasiádo o Doutor, risonho, a face terna,
ao Borgia se abraçou, exclamando: *Com a bréca!*
Há muito um homem busco á luz duma lanterna.
— Mas só agora o achei! Posso gritar *Euréka!*
Desde hoje, reis do Globo, audazes, aguerridos,
— Somos uma alma só, em dois irmãos unidos!

— O Embuçado tossíu e bradou imponente:

— Desde hoje o Globo é nosso. Almas, peitos, e ruas!
Libaremos Tokay! Lacrima-Cristi! Agoardente!
em chalets triunfaes, com sedas do Oriente,
e em sofás côr da noite, entre *manólas* nuas
Mas sendo eu do Globo o atual diretor,
sendo eu que tudo dei, acho correto e justo:
— que traces n'um papel, que sou o *Unico Senhor*.

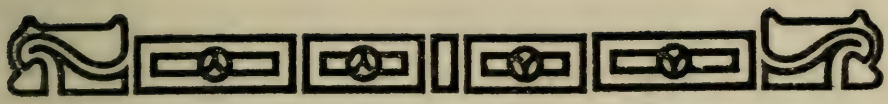
— Nunca! o outro rugiu, grave, olimpico, augusto.
Serás sempre — ouve bem! — o meu engraxador!

Na mão introdusiu-lhe um rico *par de notas*.
— *Ave Cesar!* gritou logo o outro sem custo!
— Salvé Imperador Claudio Nero Justo!

Riu-se como um palhaço e deu-lhe lustro ás botas

A NOVA RIGOLBOCHE OU A DEUSA DA RAZÃO

Orgia Macábra do seculo XX



—Ceia fim do seculo! — Uma mundana ceia!
Cantoras teatraes e dos melhores elencos
floriam os salões. — Trincháva-se a lampreia.

Diretores joviaes e até dos mais moquencos,
de casaca e gran cruz, recebiam à porta
— as *cocottes* gentís o *Club dos Makavenkos.*

Estava-se ali bem como ao frescor d'uma horta!...
Havia bom Xerez, Tokai, Porto, Caril,
— E tudo que era bom e ao Ventre mais importa.

Lá fóra a Lua ideal, romantica, gentil,
deixava-se embalar pelas canções do Tejo,
— como pálida Ophelia às lérias dum civil.

Mas o Porto e o Xerez incendiando o Desejo,
pondo Eva junto a Adão, em palestra pegada,
fez que de chofre ouviu-se escandaloso beijo.

Foi a estopa e o morrão! — Uma geral risada
alegrou toda a sala e transformou-a em Venus
— do *can-can*, beijo em flor, a saia arregaçada.

Ninguem mais conservou os seus gestos serenos!
Casacas de bom tom beijavam os Decótes.
— Os mais sóbrios Josés tornavam-se Silenos.

Se o Tokay e o Xerez tinham feito Quixotes,
às damas radicaes, desfeito o seu verniz,
— cavalheiros crueis chamavam-lhes *cocottes!*

Todas em alta voz citam heróes de Paris.
Dão vivas a Marat. Mas seus barretes frigios
— tombam-lhe muita vez sobre o *cognac* e o aníz.

Em quanto ao Máo Ladrão esse obrava prodigios
de eloquencia labial, e demonstrava a fundo
— que elle vencia sempre os mais córneos litigios.

Jura por Belzebut que é o senhor do Mundo,
e que fòra elle só que empurrara a Verdade
— com quatro cachações para o seu poço imundo!

E o caso é que afinal a seleta sociedade,
toda em pé aclamou, com flautas, e com sistros,
guitarras, e flautins, a sua heroicidade.

Assasssinos e espiões já estão menos sinistros!...
E entrando um tanto mais pelos vinhos eloquentes,
— dão palmadas febrís nas panças dos ministros.

Ferreira da Moral com jaspeádos dentes,
pápa mil camarões com o bello apetite,
— que a *Histodia Natural* assinála ás serpentes.

E o Borgia, o excelso Bórgia, a formiga da *élite*,
levando à fronte a mão, com um gesto profundo,
— recitou com vigor uma óde à *Dinamite!*

Ao findar ajuntou com seu ar mais jucundo:
que amava a Margarida, as Flores. a Razão,
— e que Ella, somente Ella, era a deusa do Mundo!

Quando acabou, obteve estrondosa ovação.
E á bella Margarida exposeram-na nua,
— e em pélote, como Eva, ao pé do pae Adão.

O Ditador em extase exclamou: — Viva a Rua!
«O' Margarida eu quero adornar-te de fiores,
«como as deusas pagans. Toda a minha alma é tua!

«O' Razão! Venus loira! ó mãe dos meus amores!
«ainda apenas vagia e era tenrinho infante,
«não tinha ainda queixaes — e éras já meus ardores!

«De joelhos todos vós, ó multidões uivantes!
«Prostai-vos a seus pés, ó *cocottes* gentis!
— «E por ella esquecei até irmãos e amantes!

«Foi esta a deusa ideal que adorou já Paris!
«Coroai-a de jasmins! Dáe-lhe vinhos eloquentes,
— «Ungi-a com Xerez, Madeira, Porto, Aniz!

«— De joelhos todos vós, de joelhos reverentes!
«— Ella é a Idêa, a Forma a Luz, a Côr, o Som!
«— A ella eu já resava... inda não tinha dentes!

«Por ella amei o Máo e excomunguei o Bom!
«Por que o Máo é infeliz, e o Bom quer o o universo
«sômente para si. — *Kirie Eleyson! Kirie Eleyson!*

.....

A's farças muita vez sucedem máos reversos!
— As damas radicaes vomitam pelo chão.
— O Borgia, a soluçar, quer recitar mais versos.

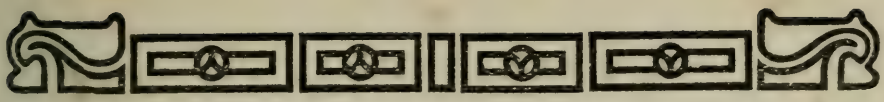
Ferreira da Moral, da côr de um pimentão,
cheio ja de Bordéos e duzias de ostras crúas,
—*pede sóda, mais sóda, um amor, uma paixão!..*

O Ditador, porem, o Ditador das Ruas,
como preito á Razão, ordena que as mulheres
—se exibam naturaes, como Ella, todas nuas.

Porem uma cantora, a hespanhola Prazeres,
que cantava assáz bem, numa ópera, a Phédra:
—gritou que amava o Canto, e não *certos mistéres*!

Sim, a Arte é ideal! A que é vil pouco médra!
N'isto, um homem entrou. Frio, glacial, sombrio.
—Parecia em tal festim o *Conviva de Pedra.*

O AZORRAGUE DE JESUS



I

O Ancião falou assim: — Maldito o homem sem brio,
que vae a Religião nas tascas salsujar,
— como enxovalha um templo o magro cão vadio!

II

Conheço muito bem Máo Ladrão teu uivar...
Tu deves ser decerto esse mastim do Averno,
que achincalhou Jesus quando estava a expirar,

III

— Maldito sejas tú, no teu estio e inverno!
— Maldito seja quem, tua palavra escuta!
— Assádo sejas tú, sempre no fogo eterno!

O Máo Ladrão *(irónico)*

Quem és tu, nobre ancião, filho de prostituta?
Que vens aqui fazer, gentil ave de agoiro?
Hiéna, queres trincar? — Não ha carne corrúcta!

IV

O Desconhecido

— Mas hás tu que estás pôdre, ó sanguesuga do Oiro!
— Mas hás tu, que a alma tens mais leprosa que Job!
— Sim tu com sarna na alma, e ainda sarna no coiro!

V

— Perguntas quem eu sou. — *Eu sou o triste e só!*
— O cavaleiro infliz do elmo e a cóta escura!
— O que foi impio ateu, e é terra, cinza, pó!

VI

— Eu sou o que surgiu da neve e a sepultura!
— Aquelle que morreu e resurgiu no abril!
— O que emfim creu e amou, e antes foi pedra dura!

VII

— Eu sou o que apupou o espiritual Anil!
— Aquelle que prégou da Dúvida a cruzada!
— Aquelle que escreveu nos reaes paços: — *Nihil!*

VIII

— Sim fui eu que cruzei, toda a zona gelada!
— Sim fui eu que vaguei, nas neves e os destroços!
— Eu que quasi a expirar, tracei nos gelos: — *Nada!*

XI

Um solitario um dia achou meus pobres ossos
quasi a enterrar-se em gelo. Arrebatou-me aos hombros
levantou-me, nutriu-me, e resou Padres Nossos.

X

Com elle vegetei dez annos entre escombros!
Com elle converti-me ás regiões eternas!
— Com elle cri, amei, e resei entre assombros.

XI

— Sim com elle aprendi as frases meigas, ternas!
— Com elle me iniciei na Oração e no Amor!
— Chorei, sofri, uivei, nas bocas das cavernas!

XII

Mas quiz voltar um dia ás regiões em flor
onde eu amára em moço, e tinha um filho caro.
E ai! achei-o!... Encontrei-o!... Ides ver uma flor!...

Arregaça a longa capa que o envolve, e aparece o cadaver d'um joven horrivelmente mutilado pela explosão de uma bomba de dinamite. Colloca o cadaver do joven sobre a banca onde está exposta a *Deusa da Rasão*, e cruza os braços. Todos recuam, dando gritos de assombro e terror. O velho silenciosamente chóra. Depois assim fala:

XIII

— Relevai a um velho este seu pranto amáro!...
Era o meu filho único, a esprança derradeira!...
Nada me resta mais! Era o meu sol e amparo!

XIV

Era elle a taboa única e a prancha derradeira,
que ainda me prendia ao meu pobre baixel...
— Era a pomba da Arca e o ramo da oliveira!

XV

Triste destino o meu! cruel! muito cruel!
para um velho que está tão perto do caixão...
Pobre mãe que o gerou, Rachel! pobre Rachel!

XVI

Chega-se irritado para o pé da Deusa Razão e brada:

E diser que morreu d'uma bomba ao destroço,
e em nome da Razão, de ti Comborça núa,
— de ti vil Meretriz! não quero ouvir, não posso!

XVII

Váe-te galdéria vil! Combórça, fóra, rua!...

Voltando-se para o *Máo Ladrão*:

Mas tu é que és a causa, ó rábido molosso!
que tanto tens sugado a infeliz patria nossa,
— até já nem restar-lhe a magra pele e osso!

XVIII

Pretendendo provar do teu talento a bossa,
crendo-te o salvador d'esta patria do Gama,
— tornàste-a o alvo só da europeia troça!

XIX

Perdemos, na mesma hora, a Opulencia e a Fama.
Somos, ao mesmo tempo, um palhaço e um esqueleto.
- Uma lagrima e um escarneo, um entremez e um drama!

XX

Somos um bobo a rir e a chorar, Rigoleto,
que perdeu, n'um instante, a sua honra e o dinheiro,
— e sendo outróra um ovo, é hoje um magro espeto!

XXI

Somos hoje a galhófa e o escarneo do Estrangeiro.
Perdemos a vergonha e a honra dos Avôs.
— Somos um roto Heróe, bufo e trampolineiro!

XXII

Se ainda a nosso favor alguem levanta a voz,
esse raro favor sáe dos bolsos plebeus.
— Mandas pôr o elogio, e pagamol-o nós!

XXIII

Mas cedo ó Portugal, máo grado os vis ateus
expulsarás os máos, o torpe, o vil, o imundo,
e trarás sobre o peito escrito: — *Patria e Deus!*

XXIV

Tu serás, como eu, tambem crente profundo!
Tu serás, como eu, o *Enviado do Senhor!*
Tu serás, como eu, o azorrague do mundo!

XXV

Já lobrigo no Alem esbranquiçado alvor.
Vejo ao longe flutuar nova Arca de Noé.
—e a pomba espiritual, no bico o ramo em flor!

XXVI

Já vejo Portugal com a espada da Fé!
Lázaro váe quebrar a pedra do jazigo!
—Ao lado tem Jesus, Lirio de Nazareth!

XXVII

—Renascença váes ser, não vago sonho ambiguo!
—Mas Sonho Novo, a erguer Bazilicas radiosas!
—Sonho Novo, a enterrar o carnal sonho antigo!

XXVIII

Sacudindo o Máo Ladrão

Não saqueará, como tu, as Egrejas famosas.
Como tu não violará as catedraes gigantes.
—Não fará como tu, as carnagens lutuosas.

XXIX

Miseravel ateu! Chefe dos rapinantes!
foste tu, mais os teus, que assassinastes padres,
—não catolicos só, mas até protestantes!

XXX

Por mais que uives aos ceós, que rujas, ou que ladres.
sabemos que és o Pae das extorsões erróneas
e mandaste expulsar hospitaleiras madres!

XXXI

Pelos partos bestiaes das vossas cachimónias,
é que o Estrangeiro pilha incriveis honorarios.
Por teus erros fataes p ágam nossas colonias!

XXXII

Tu e o Borgia intrujão, Formigas, Carbonarios,
tendes feito mais mal com a vossa alcateia
que os piratas de Argel sobre os seus dromedarios!

XXXIII

—Lisboa já parece a deserta Pompeia.
—Um covil de ladrões do moiro Ali-Babá.
—Rochedo e lupanar de Tiberio em Capreia.

XXXIV

Mas a hora soou e o Calyx cheio está!...
Para castigo vosso, e de outros para exemplo,
—vou açoitar-te a pelle e escorraçar-vos já.

Assim, tambem outróra, o Cristo fez no Templo.

Toma um azorrague d'entre a capa, e açoita com elle a multidão crupulosa. Todos juntos, como uma espessa muralha, querem impedil-o, e repelil-o. O velho, porem, não parece o alquebrado Páe, de ha pouco. Parece um dos Titans que escalaram o Olimpo.Como que cresce... agiganta-se... alteia-se

O ANANKÉ! *

I

O Ancião *(erguendo um dedo ao ar)*

Escuta ó Ditador a sentença funérea,
que eu lavro contra ti, demagogo descrido,
— Prégador ciprestal do Exterminio e a Materia!

II

Já fui tambem hereje antes de convertido.
Não tive Esprança e Fé, tal como tu tambem.
— Mas fui recto e leal, filho, pai, e marido.

III

Tive sempre no peito um idolo: *A Mãe!*
Dava tudo que tinha ao indigente e oprimido.
Dei mesmo a um pobre o leito e não matei ninguem.

(*) Esta palavra grega representa uma excomunhão de *Fatalidade*.

IV

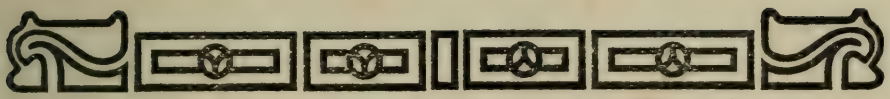
Como em ti tudo é máo, decerto és um perdido!
E como alem de ateu, és cinico, assassino,
— ouve a minha sentença, e atento presta o ouvido:

V

— *Desde hoje morder-te-há o Remorso continuo!*
— *Desde hoje tremerás da tua sombra até!*
— *Desde hoje verás sempre o olho máo do Destino!*

VI

E o Velho isto gritando em nome de Iavéh,
da Morte, a Sombra, a Dôr, terrivel, formidavel,
com um dedo espetral escreveu: — *ANANKÉ!*



EPILOGO

A VISÃO FINAL

I

Ora, apóz isto, vi, extranhamente belo,
brilhante como um Sol, rijo como um martelo,
levantar-se do Tejo um gigante imponente...
atravessar a pé todo o Ocidente em neve,
e veloz como um raio, ou como um sonho breve,
ir sentar-se qual Rei sobre o trono do Oriente.

II

Eu vi mais que esse Rei cercado de barões,
tendo na sua dextra as chaves das Nações,
e em cima do seu trono os Santos Evangelhos
E os que haviam fugido ás Eras Glaciarias
Saxões, Francos, Teutões, Germanos, Nações varias,
prostrávam-se a seus pés, servindo-o de joelhos,

III

E disse-me o Senhor, o Julgador dos Mundos
que sonda a alma dos soés e os abismos profundos,
o filho de Adonai, Elohim, Jehovah:
— Não receies revelar isto não revelado!
— Afronta a vil Descença e o homem do pecado!
— Pois tudo isto que vês, tudo sucederá!

VI

E eu tive esta Visão, pecador pervertido,
depois que assár contrite, assáz arrependido,
choreí, gemi, resei, olhos e pés nús...
E n'esta visão vi Portugal *Triunfante.*
E então rojei-me ao pó, e exclamei soluçante:
— Graças, recto Adonai! graças ó meu Cristús!

Enciclopedia para todos

N.º 1 — **Segredos do Casamento**, pelo Dr. Kraüfmann, 5.ª edição, 1 vol... 200 rs.

N.º 2 — **Os Segredos da Geração**, arte de procrear conforme os nossos desejos, 1 vol..... **200** rs.

N.º 3 — **A Neurasthenia**, 2 vol..... **400** rs.

N.º 4 — No prélo.

A' VENDA NA

Livraria de João Carneiro & Ct.ª

58 — Travessa de S. Domingos — 60

LISBOA

14-5

LIBRARY
SEP
29
1982
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 04 001 3